

KIERKEGAARD - PESSOA E OBRA - BIOGRAFIA E FILOSOFIA*

Eberhard Harbsmeier**

KIERKEGAARD E SUA ÉPOCA.

Kierkegaard nasceu a 5 de maio de 1813 em Copenhague, naquele ano em que "tantas outras notas malucas começaram a circular", como ele mesmo diz com ironia. 1813 foi o ano em que o estado dinamarquês chegou à falência, depois de seis anos de guerra inútil contra a Inglaterra. Em 1807, Copenhague sofreu ataque e bombardeio dos ingleses. Kierkegaard faleceu em 1855. Política e economicamente, foi uma época pobre, de recessão, para a Dinamarca, que experimentou a queda do *status* de pequena "super-potência" para, em todos os sentidos, a posição de "pequeno país". Mas, ao mesmo tempo, esta época é, sem dúvida, a culminação da vida cultural e espiritual do país, e é posteriormente reconhecida como a "época de ouro". Grande parte dos dinamarqueses que mais tarde se tornariam famosos pelo mundo inteiro vivem nesta época. O escritor de contos e fábulas, H.C. Andersen, o físico H.C. Orsted, o poeta N.F.S. Grundtvig e o próprio Soren Kierkegaard.

Sob uma óptica internacional, a época era de grandes transformações, rompimentos e revoluções. Marx foi um dos destacados contemporâneos de Kierkegaard, e no ano seguinte ao da publicação do manifesto comunista em 1848, Kierkegaard assistiu à transição do absolutismo para a democracia na Dinamarca, quando foi aprovada a nova constituição.

Mas o mundo principal de Kierkegaard não era este "mundo grande", embora seja correto enfatizar a influência indireta que estes importantes acontecimentos sociais tiveram no seu pensamento. No entanto, o mundo em que Kierkegaard vivia e pensava era o pequeno mundo, tanto no sentido literal quanto no sentido figurativo: Copenhague era naquela época uma espécie de cidade de província com, no máximo, 100.000 habitantes e a Dinamarca era um pequeno país em que todo mundo conhecia todo mundo, repleto de fofoca e mesquinharía, provinciano, enfim. Isto mais tarde veio a ter grande importância na obra de Kierkegaard, tanto em sentido positivo quanto negativo. Por um lado, o ambiente limitado afeiçou a sensibilidade de Kierkegaard em relação ao lado pessoal, psicológico e íntimo das coisas. Kierkegaard é o filósofo que abandona o mundo grande e seus problemas para se dedicar ao mundo pessoal com suas questões existenciais. Em contrapartida, Kierkegaard sofreu com a mentalidade limitada e "pequeno-burguesa" que caracterizava

* Trabalho traduzido pelo professor Karl Erik Schollhammer do Departamento de Letras da PUC/RJ.

** Professor do Instituto de Teologia da Universidade de Copenhague.

a Copenhague daquela época. Com ironia e amargura, ele chegou a chamar a Dinamarca de "o país encantado da mediocridade". Entretanto ele, como ninguém, soube louvar "o ser dinamarquês" e principalmente a língua dinamarquesa, numa época em que a vida cultural estava dominada quase por completo pela vida intelectual alemã, mas contra a qual começa a se esboçar um movimento nacional dinamarquês. Kierkegaard contribui para esta descoberta de uma identidade cultural dinamarquesa. Em algum lugar ele diz, sobre a língua dinamarquesa, a sua língua natural, que se sentia preso a ela "da mesma forma que Adão a Eva, visto que não havia outra mulher" (SV 8,277-78)¹. Na verdade, estava certo, pois falava mal outras línguas. Esta ligação tinha, no entanto, um lado positivo: algumas pessoas talvez achem que o dinamarquês não seja uma língua filosófica, aparentemente pouco adequada para a articulação de pensamentos mais complexos. Mas a força da língua dinamarquesa devia, segundo o filósofo, ser procurada na "sua sinceridade interior", "no seu timbre doce que soa de maneira agradável para o ouvido". É uma língua "que não fica ofegante no pensamento difícil" porque possui a agilidade de um lutador", possui uma predileção pelo "entre-pensamento, o conceito colateral, o adjetivo, o comentário do ambiente, o cantarolar da transição, e a intensidade da conjugação e a exuberância oculta do bem estar secreto". É esta sensibilidade para com a atmosfera, o "meio tom", que da mesma maneira caracteriza o próprio pensamento de Kierkegaard.

2. A INFÂNCIA E JUVENTUDE DE KIERKEGAARD.

Embora nascido em Copenhague, as raízes de Kierkegaard encontram-se na Jutlândia, e na tradição religiosa jutlandesa, caracterizada pelo pietismo depressivo e triste, que marcava o lar de Kierkegaard, e principalmente seu pai. Nascido em 1757, muito pobre, no cerrado de Jutlândia, tornou-se comerciante, enriqueceu e mudou-se para Copenhague. Nunca esqueceu, no entanto, sua formação sombria e pesada. Não se tratava do cristianismo alegre, mas de uma fé originada da culpa. Um acontecimento marcou fundamentalmente este homem melancólico: uma vez, quando era ainda uma pobre e esfomeada criança que cuidava dos animais no pasto, tinha amaldiçoado a Deus. Kierkegaard escreve sobre isto:

"Até os 82 anos de idade meu pai não tinha conseguido esquecer um fato terrível: quando criança, no cerrado da Jutlândia, pobre pastor de ovelhas esfaimado e sujeito a todos os males, do alto de uma colina enquanto cuidava dos animais, lançou contra Deus uma maldição." (Pap. VII/1 A 5)²

1. (SV = Soren Kierkegaard, Samlede Vaerker3, 1-20, 1964ff.; Pap. = Soren Kierkegaards Papirer2, I-XVI, 1968ff.)

2. Cf.: Nota 1

A relação com seu pai tinha para o filósofo uma importância fundamental. Quando Kierkegaard nasceu, o pai já era um homem de 56 anos, e a mãe tinha 45. Kierkegaard nunca fala dela, mas sabemos por outras fontes que ele a amava muito e que ela era de natureza mais leve e menos triste que o marido.

Kierkegaard carregava as conseqüências de ser filho de um pai velho, que transmitia a sua melancolia para o menino. "A felicidade de ser criança, essa, eu nunca tive", Kierkegaard disse uma vez sobre sua infância (Pap. X/1 A 8). Ele crescia num pequeno e limitado mundo, que por outro lado lhe estimulava a fantasia fértil e a produtiva imaginação que singularizam a obra de Kierkegaard.

Seguindo o desejo do pai, Kierkegaard estuda teologia, mas não se interessa tanto pela teologia clássica quanto pelos assuntos filosóficos e literários. Ele se introduz no mundo literário de Copenhague, vai ao teatro, frequenta assiduamente os bares e cafés e torna-se um argumentador espirituoso e divertido nos círculos cultivados. Rompe desta maneira com o estilo de vida de seu pai e leva uma vida de boêmio. Cria reputação de homem mordaz e irônico, "um demônio das piadas" para quem nada é levado a sério, e tudo é apenas uma brincadeira. Mais tarde, Kierkegaard descreve esta atitude como o "estágio estético", uma existência que afasta a vida, e na qual tudo é brincadeira sem compromisso nem responsabilidade. Não é, por isso, de se admirar que Kierkegaard somente se forme com 27 anos, e sem obter uma boa classificação.

Em 1835 faz uma viagem mais longa, para o Norte de Selândia, para afastar-se um pouco da vida de dândi que estava levando em Copenhague. Durante a viagem sofre uma espécie de despertar espiritual, provocado pela experiência romântica da natureza e por conversações com um tio que é cientista naturalista. Posteriormente erigiram um monumento neste lugar que pode ser considerado como o "berço do existencialismo moderno" e cuja importância a seguinte passagem das anotações de Kierkegaard mostra:

"O que realmente me falta é entender o que eu preciso fazer, não o que eu deveria reconhecer a , menos que o reconhecimento de alguma forma precipite a ação. Trata-se de entender a minha determinação, de ver o que a divindade realmente quer que eu faça; trata-se de encontrar uma verdade, que seja verdade para mim, de encontrar uma Idéla pela qual eu possa viver e morrer. E que utilidade teria para mim encontrar uma chamada verdade objetiva, percorrer os sistemas dos filósofos, e poder, quando exigido, fazer um resumo destes? De que me adiantaria saber denunciar incoerências dentro de cada sistema, desenvolver uma teoria de estado e, dos muitos aspectos buscados em muitos lugares, juntar uma totalidade, construir um mundo, no qual eu novamente não viveria, mas apenas mostraria aos outros; -

de que me adiantaria poder desenvolver a importância do cristianismo e explicar muitos dos seus fenômenos, quando este não teria nenhuma importância mais profunda para mim e a para a minha vida? ...É claro que não me nego a assumir o imperativo do reconhecimento nem nego que através deste seja possível influenciar os homens, mas então eu quero este Imperativo vivamente assumido em mim, e é isto que eu agora reconheço como sendo o fundamental. É por isto que a minha alma anseia, como os desertos da África anseiam pela água ... Era neste ponto que estava me fazendo falta levar uma vida humana completa, e não só uma vida do pensamento baseando os meus desenvolvimentos em algo, dito objetivo, - algo que, de qualquer maneira, não pertence a mim - em vez de algo que é ligado à raiz mais profunda da minha existência, através do que eu virtualmente me fundo com o Divino, ao qual estou preso, mesmo se o mundo inteiro se acabar" (Pap. I A 75).

Este é um documento central que podemos mesmo chamar de atestado de nascimento da filosofia e da teologia do existencialismo, e que contém os seus elementos básicos:

1. a exigência de um reconhecimento pessoal.
2. a concepção de que a ação possui prioridade perante o reconhecimento.
3. uma atitude crítica diante de todos os sistemas filosóficos, a vida é mais diversificada do que o pensamento.
4. uma relação não-dogmática, patética, para com o cristianismo.

Este documento pertence ainda à época "estética" da vida de Kierkegaard em que ele encontraria a verdade procurada principalmente na literatura. Retorna então aos círculos literários. Mas no ano de 1836 sofre uma espécie de colapso, algo que ele mesmo chama, numa anotação muito enigmática, de "o grande terremoto". Este fato deixa, como no caso do pai, uma mancha sombria na sua vida, uma culpa que o mortifica e que ele chama de "vita ante acta". Obviamente existem especulações sobre a natureza deste acontecimento, e embora não se saiba exatamente o que foi, supõe-se que na base deste acontecimento esteja um motivo sexual. Mas tudo isso não passa de especulações.

Mais importante é entender a crise espiritual que Kierkegaard atravessou. Ele fala, no seu diário, de uma festa, onde ele, como sempre, era o centro divertido das atenções. Mas ao chegar em casa, começa a pensar em suicídio:

"Uma pessoa andava pensando em suicídio; na mesma hora graças a Deus!" (Pap. I A 158).

Ele não consegue levar a sério nem a vida nem a morte.

"Acabei de chegar de uma festa da qual eu era a alma: as piadas não pararam de sair da minha boca, todo mundo ria, me admirava, mas eu saí, e - este travessão deve ser do tamanho do raio da Terra — querendo me matar" (Pap. I A 161).

E numa outra anotação:

"Oh, vida infernal, sei abstrair de tudo; menos de mim mesmo, não sei me esquecer" (Pap. I A 162)

Esta crise é semelhante ao que Kierkegaard mais tarde denominou de desespero, ou seja, não querer *ser si mesmo*, sempre fugindo de si. Também se pode denominá-la de crise niilista, e foi principalmente sob a influência da morte do pai, em 1838, que Kierkegaard despertou e superou a crise; além disso o seu muito querido professor da faculdade, o filósofo e poeta Poul Martin Moller morreu no decorrer do mesmo ano. A importância destas duas pessoas para Kierkegaard fica evidente ao sabermos que são as únicas pessoas às quais ele dedicou um livro.

3. REGINA

Dos dois conflitos já mencionados, talvez se possa chamar o primeiro - em Gilleleje no norte de Selândia em 1835 - de "crise estética" e o segundo o "terremoto" de 1836, de "crise ética" de Kierkegaard. Porém, a crise que tem importância decisiva em sua obra, e que tem dimensões religiosas muito mais sérias, é o seu encontro com Regina Olsen, seu posterior noivado e rompimento. Kierkegaard explicou toda a sua obra como uma tentativa de compreender porque desmanchou a relação. Neste sentido, ele praticamente dedicou todos os seus escritos a Regina, "àquela singular" que ele imaginou como leitora ideal.

O que aconteceu? Em 1837 Kierkegaard conhece Regina Olsen, uma moça de 16 anos de uma boa família burguesa de Copenhague. Ele se apaixonou e existem ainda hoje guardadas várias lindas cartas de amor para ela, nas quais Kierkegaard demonstra seu vituosismo poético:

"Você, a dona do meu coração, escondida no mais profundo do meu peito, no meu pensamento vital mais copioso, lá a partir de onde é igual a distância até o Céu e até o Inferno" (Pap. II A 347).

Ficam noivos em 1840, o que naquela época significava um compromisso tão sério ou até mais que o casamento nos dias de hoje.

Kierkegaard conta a respeito:

"Encontramo-nos na rua em frente da casa deles. Ela disse que não havia ninguém em casa. Eu fui suficientemente imprudente para entender isto como o convite de que eu estava precisando. Entrei com ela. Lá estávamos nós dois, sozinhos na sala de estar. Ela estava um pouco nervosa. Eu lhe pedi para tocar para mim, como de costume. Ela o faz; mas eu não consigo prestar atenção. De repente, pego o livro de música e, com um certa veemência, o jogo em cima do piano e digo: Ah, o que me importa a música - é você que eu estou procurando, é você que eu procuro há dois anos. Ela se calou. De qualquer maneira não fiz nada para seduzi-la, até adverti-a contra mim mesmo, contra a minha melancolia. Porém, quando ela falou em Schlegel, eu disse: deixe que isto seja um parêntese, pois eu tenho afinal a prioridade" (Pap X/5 A 149, p. 160ff).

Schlegel era o professor de Regina, com quem ela mais tarde se casou. Kierkegaard pede-a em casamento, mas se arrepende já no dia seguinte:

*"Um dia depois vi que havia cometido um erro - para mim, sendo um homem punitivo, a minha **vita ante acta**, a minha melancolia, bastava."*

Regina no entanto não queria desistir, ela o amava, demonstrava compaixão, queria compartilhar com ele a sua melancolia. Ele se comporta como um grosso, quer afastá-la dele e o faz por amor, porque sabe que a faria infeliz se se casasse com ela.

"Eu cheguei a conseguir convencê-la. Ela me perguntou: nunca vai se casar?"

"Eu respondi: Sim, daqui a uns dez anos, quando eu tiver gasto toda a minha energia, aí eu vou precisar de uma mocinha para me fazer sentir-me jovem. Uma crueldade necessária. Aí ela respondeu: Perdoe-me o que eu fiz com você. Eu respondi: Sou eu quem deve pedir desculpas. Ela disse: Prometa-me pensar em mim. Eu prometi. Ela disse: Beijei-me. E eu a beijei - mas sem paixão, Deus!"

Kierkegaard se comporta de maneira grossa e indecente para tornar as coisas mais fáceis para ela. Dá a impressão de que foi Regina que rompeu o noivado. Mas aparentemente ela não se deixou enganar, recusa-se a largá-lo. Em 18 de agosto de 1841 ele lhe manda de volta a aliança com uma carta:

"Para não mais tentar evitar o que no entanto há de acontecer, aquilo que quando tiver acontecido, dará força,

suponho, aquilo que é preciso: então deixa-o acontecer; perdoe um Homem que, embora soubesse algo, não sabia fazer uma moça feliz".

Kierkegaard usou esta carta em uma das suas obras, e a questão de por que ele rompeu com Regina tornou-se posteriormente um problema chave na interpretação da obra. Pode-se responder à questão do ângulo individual-psicológico: ele sabia que iria torná-la infeliz, rompe com ela por amor. Seu passado, a sua melancolia depõem contra ele. Pode-se também considerar a questão numa perspectiva mais ampla, que é o que faz o próprio Kierkegaard em sua obra. Kierkegaard se vê como a exceção que não sabe realizar "o comum", o ético, o que ele, por outro lado, tem de reconhecer como sendo a norma. Isto é um problema individual de Kierkegaard e, ao mesmo tempo, um problema de qualquer ser humano: a relação entre o individual, o comum e o universal. Ao mesmo tempo a crise também é uma crise religiosa. Se eu tivesse fé, eu teria me casado com Regina, escreve Kierkegaard no seu diário. É uma questão de culpa e perdão. De certa forma, a relação com Regina constitui a chave para toda a obra de Kierkegaard: tanto para a obra literária, onde em romances filosóficos Kierkegaard elabora a sua história, como para a obra filosófica, que trata da relação entre existência e realidade e, finalmente, para a obra religiosa.

Embora Regina mais tarde se case com seu professor, Schlegel, Kierkegaard permaneceu fiel a ela a vida toda. Ele por exemplo comprou tudo em duplicata e guardou a parte dela num armário separado, dedica toda a sua obra a ela, e lega em testamento a Regina tudo o que possuía, como se fossem casados.

4. OS ÚLTIMOS ANOS DE KIERKEGAARD.

14 dias depois do rompimento com Regina, Kierkegaard viaja para Berlim, naquela época o centro cultural mais proeminente da Europa. Lá ele assiste às palestras do filósofo alemão Schelling que, no entanto, acaba por decepcioná-lo. Antes de partir, Kierkegaard escreveu uma tese de doutorado sobre a ironia socrática.

Depois de voltar de Berlim, Kierkegaard inicia uma produção literária sem igual. Nos anos 1843-46 publicou nada menos que 21 "escritos edificantes" e oito obras grandes, sob pseudônimo, quase todas hoje consideradas obras primas dentro da filosofia europeia. Kierkegaard escolheu ser autor em lugar de escolher Regina. Além destes livros escreveu seus famosos diários, num total de 20 tomos que só foram publicados depois da sua morte.

A vida de Kierkegaard era aparentemente pobre em acontecimentos; ele vivia como escritor independente, sozinho no seu apartamento, com apenas um empregado. Vivia da fortuna do pai, e era conhecido em

Copenhague como uma figura excêntrica. A vida inteira pensou em tornar-se pastor da igreja protestante dinamarquesa, sobretudo quando começou a ter problemas financeiros, por ter acabado o dinheiro que herdou da família. Ao morrer em 1855, nada lhe restava da herança paterna.

Entretanto, dois acontecimentos da última parte da vida de Kierkegaard são de grande importância para a sua literatura. Primeiro, uma polêmica com a imprensa no ano 1847, depois de terminadas as suas obras principais. Nesta polêmica Kierkegaard aparece como um crítico da sociedade, como um crítico da imprensa de massas, da sua superficialidade e falta de postura ética. Kierkegaard aponta o lado negativo da democracia, como a perda, o afogamento do indivíduo no anonimato da multidão. O outro acontecimento, pouco anterior a morte de Kierkegaard, é o seu ataque à igreja estatal, que acusa de superficial e hipócrita. Kierkegaard reclama que a igreja estatal não leva a sério a radicalidade do cristianismo. Já em 1848 ele escreve no seu diário:

"Na magnífica catedral aparece o excelentíssimo, excelência - Geheime-General-Hof-Pregador. Como o preferido predileto escolhido pelo mundo distinguido aparece ele para um círculo escolhido de escolhidos, e prega comovidamente o sermão por ele próprio escolhido: 'Deus escolheu a mim, o miserável e desprezado' - e ninguém ri" (Pap X/2 A 227 = SV 19, 195).

Com sua crítica, Kierkegaard originalmente se dirigia ao bispo Mynster, que foi o pastor da família e que também tinha feito a primeira comunhão de Kierkegaard. Mynster era porta-voz de uma interpretação esteticista do cristianismo, que tentava sintetizar cultura e cristianismo. Kierkegaard tratava Mynster com respeito e esperava dele uma reação, um reconhecimento de que o cristianismo esteticista não era idêntico ao cristianismo radical do Novo Testamento. Mas quando Mynster morre em 1854 e seu sucessor, o hegeliano Martensen, o elogia como sendo "testemunho da verdade", Kierkegaard dirige um ataque duro à igreja estatal, que culmina num convite ao povo para que não vá à igreja para não ser cúmplice de tudo o que lá acontece: o escárnio de Deus e a hipocrisia. Kierkegaard publica uma série de panfletos sob o título *O Momento* que criticam drasticamente a igreja do estado e, em particular, acusam os seus pastores de caça-níqueis. O ataque teve como resultado que Kierkegaard, o escritor religioso, passou a ser lembrado como um forte crítico do cristianismo burguês e da hipocrisia. Kierkegaard clamava por honestidade e a sua crítica se dirigia contra toda a falsa piedade e fé ilusória. Em *Os Atos do Amor*, um dos livros mais pessoais de Kierkegaard, ele rompe com a ilusão da piedade: uma coisa é ser iludido pela vida, pelos seres humanos, mas muito pior é iludir-se em relação ao amor, achando amor o que na verdade é uma forma de vaidade e egoísmo. Um dos objetivos principais de Kierkegaard é arrancar os seres humanos de suas ilusões.

O enterro de Kierkegaard foi um verdadeiro acontecimento escandaloso. A multidão fez questão de participar e assistir ao enterro na catedral de Copenhague. Lá Kierkegaard também tinha sido batizado e feito a primeira comunhão. Seus amigos protestaram contra o enterro eclesástico de alguém que tinha atuado tão criticamente contra a igreja. Em vão.

5. A OBRA DE KIERKEGAARD.

A obra de Kierkegaard divide-se em duas partes. Por um lado, as obras assinadas com pseudônimo que são suas obras-primas de conteúdo filosófico/teológico, e as obras edificantes que ele assinava em seu próprio nome. Enquanto a obra pseudônima apresenta variada análise da existência humana, a parte edificante de sua obra resulta mais catequética. Mas mesmo um filósofo como Heidegger, que se inspirou profundamente na obra de Kierkegaard, valoriza as obras edificantes acima da obra pseudônima, por ser esta última mais determinada pelos temas de época.

Kierkegaard não é um filósofo de carreira. Ele pensava, como já mencionado, procurar um cargo na igreja pública como pastor, tendo rejeitado depois esta idéia. Por outro lado, rejeitou também a oferta de uma carreira acadêmica como filósofo universitário. Não queria ser filósofo sistemático, procurando e ensinando doutrinas. Ele queria ser o que chamava de "pensador existente", pois para ele a "existência" era superior ao pensamento e a vida superior à lógica. A verdade não podia ser um sistema objetivo, porque, como é freqüentemente citado, acreditava que "a subjetividade é a verdade". Esta frase não significava optar pelo subjetivismo e pela arbitrariedade, mas denotava o propósito de "entender-se a si mesmo em existência". A questão da existência não era uma questão sobre o conteúdo da vida, mas sobre como se relacionar com esta vida. A verdade tem a ver com honestidade, paixão, engajamento e simpatia. O importante não é o destino que um homem recebe, mas como ele encara a vida que tem. Kierkegaard usou uma imagem para ilustrar esta diferença: somos na vida como atores numa peça de teatro. Os papéis são distribuídos de modos diferentes, um é rei outro é servo, mas, em princípio, o desafio é o mesmo.

Esta imagem: "interpretar um papel", tem uma grande importância na obra inteira de Kierkegaard desde a tese *A Noção de Ironia* até o seu ataque à igreja oficial. Quando Kierkegaard pensa e escreve, ele interpreta papéis e pode ser difícil para o leitor descobrir onde está a verdadeira pessoa atrás de todos estas diferentes personalidades. Mas Kierkegaard conscientemente recusou-se a esta pergunta curiosa. Por um lado ele escreve de maneira muito pessoal, não se intimida de incorporar as próprias cartas de amor a sua obra; por outro lado, ele sempre se esconde. Porque o leitor não deve interessar-se pela pessoa atrás do texto, pelo verdadeiro Kierkegaard, mas pela visão de vida, pela possibilidade de existência que o texto pronuncia. Kierkegaard não prega as suas idéias e opiniões, ele apresenta as possibilidades de

existência para nós, os leitores, para que possamos opinar e identificar-nos com elas. Por isso ele escreve sob pseudônimos e por isso ele constrói os seus livros, com *A Noção de Ironia* como a única exceção, em forma de romances, nos quais ele deixa pessoas fictícias representarem diferentes pontos de vista sem revelar qual é a sua própria posição. Kierkegaard não se chamava nem de filósofo nem de teólogo, mas de autor religioso, poeta. A ironia, o tema principal do trabalho de juventude, marca presença em toda a obra.

Esta maneira de trabalhar e escrever é mais nítida no primeiro livro que lhe deu fama, *Ou...Ou*, escrito logo depois da ruptura com Regina e da volta de Berlim. Já o título genial determina o tema desta obra como de toda a filosofia de Kierkegaard: a escolha e a decisão.

Não se trata do que se escolhe mas do fato de escolher. A forma literária desta obra é tipicamente romântica: Kierkegaard deixa um editor fictício editar uma coleção de papéis, aforismos, um romance epistolar junto com reflexões teóricas variadas, tudo em forma fragmentária - o livro tem como subtítulo "fragmento de vida" - o que é típico da moda anti-sistemática do pensamento romântico. A vida é um fragmento e não um sistema. No livro, ele aborda seus famosos "estágios" ou "visões da vida" um por um: o estágio estético, o ético e o religioso. A descrição do estético na primeira parte do livro é a mais famosa e fascinante. Kierkegaard descreve aqui a sensualidade, o imediato, sobretudo no fictício *Diário de um Sedutor*, em que aproveita o nome da irmã de Regina, Cordélia, como o nome da mulher seduzida e com isso atribui-se o papel de sedutor diante Regina. Além disso, encontramos também um ensaio genial sobre a figura de Don Juan, na interpretação de Mozart como Don Giovanni, e sobre a relação entre a música e o "imediato".

O estágio estético significa considerar a vida um jogo e viver superficialmente e sem seriedade.

"Aconteceu num teatro que os bastidores pegaram fogo. O palhaço entrou para informar o público a respeito. Eles acharam que era uma piada e aplaudiram; ele repetiu e riram ainda mais. Assim penso que o mundo vai acabar sob o aplauso geral, todo mundo achando que se trata de uma piada" (SV, 33).

Isto significa não levar a vida a sério. Mas é aqui que encontramos o argumento de Kierkegaard: atrás desta superficialidade esconde-se uma profunda "angústia" e "desespero". A angústia de se perder a si mesmo e o desespero de não conseguir ou não querer ser "si mesmo". Ninguém retratou este sentimento melhor nem com mais genialidade de que Mozart, na ópera *Don Giovanni*, que mostra o "erótico imediato" encobrindo a angústia e o desespero, que no fundo são uma fuga de "si mesmo".

Contra esta "visão de vida" estética, Kierkegaard indica a escolha ética, que descreve na segunda parte de *Ou...Ou*, para finalmente apontar o terceiro e último estágio, o "religioso". Mais tarde, em *Etapas do Caminho da Vida* (1845) Kierkegaard retoma este tema.

Oito meses depois da edição de *Ou...Ou*, saíram simultaneamente dois livros que tratam do tema religioso elaborando-o em relação à história biográfica do autor - *A Repetição e Temor e tremor*. Kierkegaard considerou este último livro, que analisa a história do sacrifício de Isaac, um dos seus melhores trabalhos. O tema é que se pode chegar a ignorar as normas religiosas para cumprir uma finalidade superior. É o paradoxo da fé: em sentido radical, o indivíduo, na fé, não pode se fazer entender pelos seus semelhantes, do mesmo modo que Kierkegaard não podia se expor para Regina. Kierkegaard descobre aqui a categoria fundamental da (*inderlighed*) "interioridade" como condição fundamental para a fé. A dimensão religiosa da vida trata dos abismos, do incompreensível e do absurdo que o homem enfrenta. Do que não se conquista, nem com estética, ética ou razão. O pesquisador dinamarquês, Johs. Slok, formulou da seguinte maneira esta simples "visão de vida", de acordo com *Temor e tremor*.

"Sua (de Kierkegaard) concepção de vida é sustentada num sentimento puro e imediato de que a vida é algo incompreensível e portanto maravilhoso. A vida é de alguma maneira nunca esperada, a vida não segue por si de modo natural, mas é continuamente algo completamente surpreendente.

É o inesperado, sempre maravilhoso, que o homem, conforme à sua natureza, pretende conquistar; deve apropriar-se dele, possuí-lo ou aí ficar inteiramente presente. Mas nunca consegue. Exatamente quando quer tomar posse, quer tomar posse de si mesmo, o homem deixa perder tudo; no momento em que quer apanhá-lo, o homem se dá conta de que o perdeu. É isso que chamamos a culpa. Diante de Deus estamos sempre errados." (Johs. Slok: Soren kierkegaard, 1966, p. 73f.).

Depois destas produções mais literárias vêm as obras-primas filosóficas, seguramente os livros que o tornaram mundialmente famoso. Principalmente *A Noção de Angústia*, uma interpretação dogmática do mito do pecado original, cuja descoberta e descrição do fenômeno da "angústia" influenciou profundamente tanto a psicologia moderna quanto a filosofia existencial. Há duas coisas que são neste contexto fundamentais para Kierkegaard. Primeiro, a distinção entre "medo" e "angústia". O medo se origina numa coisa concreta, o que não acontece com "a angústia". Segundo, "a angústia" é um fenômeno ambivalente não apenas destrutivo mas também positivo, se se apreende a "angustiar-se verdadeiramente". A "angústia" tem a ver com a liberdade:

"Num dos contos de Grimm há uma narração sobre um moço que ia à aventura para aprender a angustiar-se. Vamos deixar o aventureiro andar sem preocuparmo-nos se no seu caminho encontraria o terrível. Ao contrário, eu diria que isto é a aventura que todo ser humano tem que cumprir, aprender a angustiar-se para não se perder por nunca ter ficado angustiado, ou mergulhar na angústia; quem aprendeu a se angustiar corretamente, aprendeu o superior.

Se o homem fosse um animal ou um anjo, não se angustiaría. Como é uma síntese, pode ser angustiado, e quanto mais profunda a angústia de um homem mais ser humano ele é, só que não no sentido em que isto é normalmente entendido e onde a angústia é exterior, exterior ao ser humano, mas, sim no sentido em que ele mesmo produz a angústia." (SV 6, 234).

Próxima de *A Noção de Angústia* deve-se ver outra obra-prima de Kierkegaard, *Doença até a Morte*, que caracteriza a antropologia de Kierkegaard com base numa análise da noção de *desespero*. São muito conhecidas e interpretadas as primeiras frases desta obra. A definição do "si mesmo":

"O ser humano é espírito. Mas o que é espírito? O espírito é o "si mesmo". Mas o que é o "si mesmo"? O "si mesmo" é uma relação que se relaciona a si mesma, ou a relação com a qual a relação se relaciona a si mesma. O ser humano é uma síntese do infinito e do finito, do profano e do eterno, da liberdade e da necessidade, ou seja, uma síntese." (SV 14, 73).

Ambos os livros tratam temas no limite entre teologia e psicologia, e Kierkegaard tem sido uma profunda inspiração para a psicologia moderna, antecipando em vários pontos suas teorias. O que Kierkegaard aqui denomina "o desespero", Freud interpreta como "a neurose": a fuga do homem de si mesmo, por um lado, e o egocentrismo doentio por outro.

Simultaneamente a estes dois livros, Kierkegaard publica nos anos 1844 e 1846 as obras filosóficas: *Migalhas Filosóficas* e *Postácio Incientífico Conclusivo*, cuja polêmica contra a filosofia hegeliana, o seu sistema lógico-dialético, é axial. Em vez da dialética especulativa de Hegel, Kierkegaard propõe "a dialética existencial". A dialética hegeliana levanta e dissolve, na opinião de Kierkegaard, todas as contradições, enquanto o filósofo dinamarquês insiste em que a vida contém contradições insolúveis que nenhuma dialética consegue superar. Existência é para Kierkegaard superior ao pensamento e à reflexão, o que não significa que existência é "irrefletida". O objetivo decisivo para "o pensador existente" é se dar conta de que a existência verdadeira não pode ser reduzida a um objeto de reflexões lógicas. Existência verdadeira implica o objetivo de superar as contradições intrínsecas

convertendo-se em algo superior, em vez de só ser o que se é. É algo que não pode ser pensado, é a própria existência.

6. FINAL

Não é por acaso que a obra-prima filosófica de Kierkegaard chama-se *Posfácio Incientífico Conclusivo*. Kierkegaard achava que esta obra seria a última porque estava convencido de que só chegaria à idade de Jesus, 33 anos. Por isso Kierkegaard assume, numa "declaração", as suas obras pseudônimas anteriores e a frenética produtividade é interrompida. Como é sabido, Kierkegaard sobrevive a esta data e publica em seus últimos anos suas principais obras religiosas, entre outras, *Os Atos do Amor*, o livro mais pessoal e disputado, e o último livro, *Exercícios de Cristianismo*. Nos últimos anos de vida Kierkegaard mantém-se em silêncio, só confiando-se a seu diário, cada vez mais detalhado. Kierkegaard perde a consciência a 22 de outubro 1855 e morre a 11 de novembro, pobre e solitário. Escolheu como inscrição para a tumba familiar os seguintes versos do autor pietista dinamarquês, Brorson:

"Um pequeno momento
e terei vencido,
o pleito inteiro
de uma vez desaparecido.
Poderei descansar
em vales de Rosas,
e sem cessar
com Jesus conversar."